

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA

Sírio Possenti (IEL-UNICAMP)

Nota da coluna **Painel** da Folha de S. Paulo de 26/04/2009 dizia, a seco:

"Básico. Slogan do vídeo preparado pelo Ministério da Educação para marcar a inauguração de quatro escolas técnicas em Goiás, na sexta-feira: 'Ganha os alunos e ganha os empresários'. O autor faltou à aula de concordância entre sujeito e verbo".

A questão merece alguns comentários. O primeiro, também a seco, brevíssimo: a concordância é sempre do verbo com o sujeito. Não sei bem o que quer dizer "entre sujeito e verbo", mas é certamente uma formulação imprecisa. Nunca se diria que, sendo o verbo, por exemplo, "escrevem", concordar-se-ia com ele um sujeito (eles, elas, os deputados, os escritores). O que faz sentido é outra versão: se o sujeito é qualquer um desses, então a forma verbal é "escrevem". Ou seja, é o verbo que concorda. Em português padrão, sempre é bom ressaltar. Ou mais ou menos, como se verá.

O autor faltou ou não à aula de concordância? Pode ser que sim. Mas também pode ser que não. É mais provável que não tivesse à mão um manual desses que fornecem todas as certezas, talvez um das redações de jornal ou do tipo *não erre mais*. Ainda mais provável é que nem tenha se dado conta de que seu slogan põe um problema específico de concordância, por causa da ordem do sujeito em relação ao verbo.

Longe de mim defender o slogan. Não o faria nunca, especialmente levando em consideração outras virtudes que lhe faltam. Mas, considerando apenas a questão mencionada, diria que, dependendo da aula sobre (de?) concordância, um bom aluno, se tivesse um bom professor, e se os livros ou artigos lidos sobre o tema fossem bons, ou mesmo se lesse apenas as seções completas das gramáticas sobre o tema (e não seus resumos apostilados), talvez

acabasse tendo uma visão mais complexa do fenômeno do que a sugerida na nota.

Nem vou mencionar os notórios casos de silepse ou de concordância ideológica, esses que na pena de escritores são figuras de linguagem e na boca dos menos sofisticados são erros ou vícios. Falo apenas de um caso parecido com o da nota, o do *sujeito posposto*. (Registro, antes de prosseguir, um exemplo que encontrei no mesmo jornal, no dia 28/04, na coluna de Mônica Bergamo: "Até que um casal, formado por um estrangeiro e uma jovem linda e loira, *entraram* e se *sentaram* numa mesa reservada para quatro pessoas" (p. E2). A distância entre "casal" e "entraram" / "sentaram" - há um "longo" apostro entre as formas - torna menos marcada a construção que o Painel criticaria, se a percebesse, do que se fosse "um casal entraram e sentaram".

Mas voltemos ao sujeito posposto. Os gramáticos são unânimes em aceitar que o verbo concorde apenas com o elemento mais próximo de um sujeito composto, quando este está colocado depois do verbo (daí a qualificação de posposto). O exemplo clássico é *Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão*, mas há outros: *Que te seja propício o astro e a flor...; Habita-me o espaço e a solidão* (citados por Cunha e Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985).

Segundo os gramáticos, o verbo concorda apenas com um dos nomes, o mais próximo. Aqui, com *céu*, *astro* e *espaço* (em vez de concordar com *céu e terra*, com *astro e flor*, com *espaço e solidão* - o que resultaria em *passarão, sejam propícios e habitam-me*). A condição para que essa concordância seja aceita é que o verbo ocorra antes do sujeito, dizem. Mas, de fato, também se exige que o autor tenha prestígio...

No entanto, a observação desses casos junto com outros permite compreender melhor um fenômeno cada vez mais freqüente. Coloquemos os exemplos ao lado de outros e observemos o que ocorre:

Passará o céu e a terra...

Que te seja propício o astro e a flor...

Habita-me o espaço e a solidão...

Embora ainda falte duas semanas para o GP Brasil... (Joyce Pascovich, Folha de S. Paulo, 21/3/1992);

Faltou na vida de Althusser algumas noites que o inspirassem...
(Fernando Gabeira, Folha de S. Paulo, 1/4/1992);

O receio é que possa ocorrer problemas administrativos... (Folha de S. Paulo, 21/9/1992);

Não é possível ser oferecido quase cem vagas a menos do que as existentes... (Correio Popular, 3/7/2002);

Já no primeiro semestre de 2003, deverá ter início as eliminatórias...
(Folha de S. Paulo, 5/7/2002);

Já vou estar com 34 anos e a cada dia surge bons jogadores...
(Declaração de Rivaldo, O Estado de S. Paulo, 6/7/2002);

Ganha os alunos, ganha os empresários;

Nos exemplos das gramáticas, o sujeito é **composto e posposto**, e o verbo está no singular. Nos exemplos de jornal e no slogan, o sujeito está posposto e é plural, embora não seja composto. Mas há algo de comum em todos os casos: são **sujeito pospostos, estão nos plural e o verbo está no singular**.

Considerando os fatos (sempre achei que jornalismo gostasse deles), talvez se possa propor uma regra parcialmente diferente da das gramáticas para explicar o fenômeno. Provavelmente, o verbo não concorda com o *primeiro* nome do sujeito composto posposto. Ele simplesmente não concorda com nada. A razão? A *posição típica de sujeito* - antes do verbo - está *vazia*. É como se essas orações não tivessem sujeito. A regra poderia ser simplesmente:

Quando não há sujeito, o verbo vai para a terceira pessoa do singular.

A hipótese se torna ainda mais interessante se considerarmos os casos em que, de fato, os verbos não têm sujeito, o dos verbos impessoais:

Chove muito no verão.

Neva no inverno.

Venta nas noites de tempestade.

Há muitas pessoas na praça.

Faz dez anos que saiu.

Segundo a hipótese que proponho, a regra é a mesma quando *de fato* não há sujeito e quando parece que não há sujeito, ou seja, *quando o sujeito não está em sua posição típica*. Tal hipótese fica ainda mais forte se aceitamos que

a concordância é um fenômeno exclusivamente sintático (é do ponto de vista semântico - ou pragmático - que dizemos que a palavra posposta - *céu, semanas, noites...* - é o sujeito).

Acrescente-se que a *concordância* também não ocorre nos adjetivos ou nos participípios, exatamente como nos verbos (seja **propício o astro e a flor, ser oferecido quase cem vagas**, em vez de *sejam propícios o astro e a flor, serem oferecidas quase cem vagas*). A hipótese é que o falante aplica a regra (isto é, copia traços de número e pessoa do sujeito no verbo e do adjetivo no nome) apenas se o sujeito estiver antes do verbo.

No entanto, essa hipótese só tem sentido se aceitarmos que há várias gramáticas competindo em cada língua. Se esse for o caso, pode-se dizer que:

uma aplica a concordância considerando apenas a sintaxe do estado real da oração, com a inversão sujeito-verbo já feita;

outra considera a sintaxe, mas trata a inversão sujeito-verbo de maneira diferente, como se a concordância fosse aplicada antes de haver inversão;

outra, ainda, considera fatores semânticos para definir o número do sujeito (singular ou plural).

Muito mais gente faltou à aula...

Até de onde se espera...

De Olgária Mattos, no Boletim *Carta Maior* de 27/04/2008

"A mais recente reforma ortográfica do português no Brasil subordina a língua às contingências do mercado e à agramaticalidade de sua fala oral, rompendo o equilíbrio entre a anomia e a gramatização que caracterizam uma língua viva. Expressionista antes da reforma, 'idéia' ou 'idêia' (sic!!), a pronúncia diferenciava o português do Brasil e de Portugal, suscitando o *metron* de seu estranhamento e de seu parentesco, revelador do *ethos* de um povo. Assim, diferentemente de unificar a palavra escrita, a reforma neutraliza a língua falada (sic!), despersonalizando-a. O canto próprio às línguas - sua acentuação, cadência e pronúncia - recusa a 'língua média'".

Tasquei sic! duas vezes no parágrafo da filósofa, assinalando grossas batatadas: ela parece achar que a eliminação do acento gráfico em palavras como "ideia" altera a pronúncia do "e", transformando-o em uma vogal mais fechada. Dois erros em uma só cajadada: este não é um caso de diferença de pronúncia lá e cá; e, se fosse, não mudaria por causa da queda do sinal... (a pronúncia *diferenciava*, ela diz, como se fosse um fato...). E que a mudança de algumas representações gráficas afeta a língua falada ("neutraliza a língua falada"). Que ridículo! Já escrevi aqui que, às vezes, parece que, para muita gente, estudar não adianta...